

POSSO VER MINHA vida recomeçando. Vislumbrei-a, pela primeira vez, quando estive em Moscou, duas semanas após o enterro de meu marido Sergei. Morreu subitamente de ataque cardíaco, durante um treino rotineiro em Nova York, aos 28 anos.

Em meio à dor, achava-me perdida. Para me encontrar, fiz algo que sabia, aquilo para o que fora treinada desde os 4 anos de idade. Patinei. Deslizei sobre o gelo e, lá, nos rostos de jovens patinadores que treinavam com seus técnicos, reconheci brilhantes sonhos e esperanças no futuro.

Sinto o entusiasmo da nova existência quando nossa filha Daria, de 4

anos, está por perto. Não importa como esteja me sentindo, tenho de sorrir para ela porque está sempre rindo para mim. Assim como o pai, ela ilumina minha vida.

Buquê de rosas

NA PRIMAVERA em que fiz 11 anos, o instrutor disse-me para chegar cedo ao treino, pois me arranjara um parceiro de patinação.

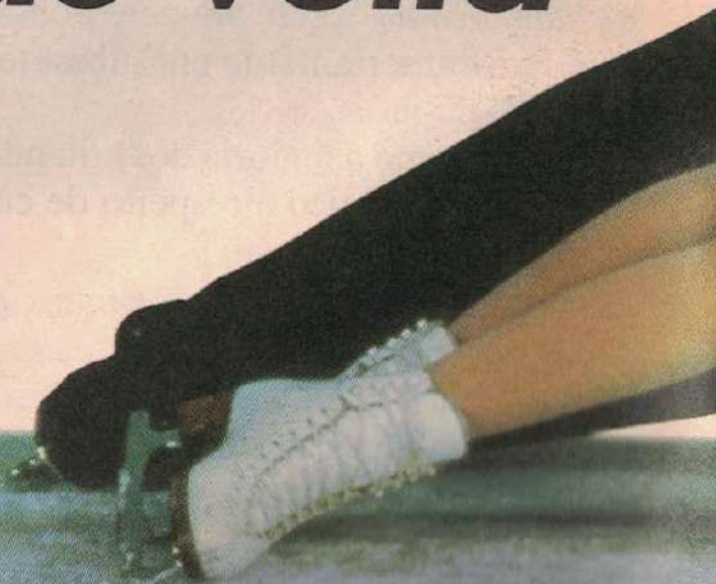
Era Sergei Mikhailovich Grinkov, rapaz alto e bonito, que logo conquistou meu coração. Mas era quatro anos mais velho e me ignorava.

Durante três anos trabalhamos juntos. Como dupla, tivemos de aprender tudo outra vez. É muito diferente de

A patinadora olímpica Ekaterina Gordeeva teve uma vida de conto de fadas, até aquele trágico dia...

Encontrando o caminho de volta

EKATERINA GORDEEVA E E. M. SWIFT



patinar sozinho. Os movimentos simples não eram iguais, porque agora tinha de fazê-los com alguém. Precisava alinhar meu corpo com o dele.

Em 1987, Sergei e eu – então com 16 anos – treinávamos certa vez quando a lâmina de seu patim agarrou no gelo e ele me derrubou. Fiquei seis dias no hospital devido à concussão causada pela queda.

Sentada na cama, preocupava-me por perder o treino quando ouvi baterem à porta. Era Sergei, com uma dúzia de rosas. Percebi que se encontrava bastante perturbado. Visitou-me diversas vezes no hospital.

Quando finalmente voltei a patinar, notei alteração no comportamento de



Sergei. Segurava-me com força, como se não quisesse largar-me. Algo acontecera, e até eu – tão concentrada na patinação – percebi que seus sentimentos por mim haviam mudado. Antes, éramos apenas dois patinadores. Agora formávamos, de fato, um par. Ganhamos a medalha de ouro nas Olimpíadas de Inverno de 1988 em Calgary, Canadá. Em abril de 1991 nos casamos.

Tínhamos a mente voltada para a patinação competitiva e depois, em 1992, para o nascimento de Daria. Em 1994, ganhamos a segunda medalha de ouro nas Olimpíadas de Inverno de Lillehammer, Noruega. Logo após, Bob Young, técnico de patinação olímpica dos EUA, convidou-nos

para treinar com ele em Simsbury, Connecticut. Aceitamos a oferta e nos mudamos para lá.

A música parou

EM 20 DE NOVEMBRO de 1995, Sergei e eu fomos com Marina Zueva, nossa coreógrafa, a um treino em Lake Placid. Decidimos patinar o novo número, seleção do *Concerto de Grieg em lá menor*.

Na abertura, Sergei e eu ficávamos ajoelhados, face a face. Depois, começávamos a patinar. Dávamos as primeiras voltas em parafuso, com elevação. A música ficava suave, e eu circulava em torno dele.

Atravessamos o gelo fazendo a elevação. Ele me pôs no chão, e fizemos um movimento duplo, lado a lado.

Todos os instrumentos da orquestra começavam a tocar, num desses momentos de música intensa. Sergei deslizava no gelo próximo a mim; no entanto, suas mãos não seguraram minha cintura para a elevação seguinte.

Ele curvou-se levemente. Pensei que tivesse machucado as costas. Tentou parar, mas vi que deslizava rumo à grade. Então, dobrou os joelhos e caiu. Eu lhe perguntava qual era o problema, mas ele não respondia.

Marina parou a música e disse-me para discar 911, o número da emergência. Ela começou a prestar os primeiros socorros. Fiquei tão desesperada que me esque-



ci do inglês. Não conseguia lembrar-me de como se pedia ajuda. Corri para o outro rinque, chorando, e pedi que alguém discasse 911. Quando voltei, Sergei estava azul.

Chegou a ambulância. No hospital, preocupada, vi no monitor que o coração dele ainda parecia bater. Nunca imaginei que pudesse morrer, pois jamais mostrara sinais de doença cardíaca.

Marina e eu andamos pelo hospital enquanto esperávamos. Veio o médico e revelou que dera choques elétricos e injeção de adrenalina no coração de Sergei. Contudo, haviam-no perdido. Quando traduzi essas palavras em minha cabeça, foi difícil compreender. Eu não queria acreditar.

Andei até o quarto onde ele se encontrava, ainda de patins. Era como se dormisse. As mãos estavam frias, mas os ombros e o peito ainda quentes. Tirei-lhe os patins. Tentei esfregar os pés, muito frios, sem conseguir aquecê-los.

“Confie em Sergei”

VOLTEI A MOSCOU. Durante semanas após o enterro senti como se estivesse lentamente me acabando. Não parecia haver sentido para a vida. Entretanto, mamãe disse que Daria não precisava de mim naquele estado. “Vivendo em Moscou ou voltando para a América”, aconselhou-me, “tente ser uma pessoa saudável de novo.”

Comecei a perceber que somente o trabalho poderia ajudar-me a encontrar a cura. Voltei a treinar, e

achava bom tocar o gelo de que Sergei tanto gostava. Todas as minhas lembranças no gelo com ele voltavam. Era reconfortante.

A comunidade de patinação quis homenagear Sergei no Centro Cívico de Hartford, Connecticut, em fevereiro de 1996, e solicitou minha participação. Seria inconcebível patinar com outro parceiro. A mão de Sergei fora a única que eu segurara no gelo. Patinaria sozinha, ao som da *Sinfonia nº 5 de Mahler*, música escrita como carta de amor para a futura esposa.

No dia, pouco antes da apresentação, pensei em como Sergei e eu sempre nos beijávamos antes de entrar no gelo. Senti-me péssima, em pé, ali sozinha. Quando a música tocou e fui para a arena escura, lembrei-me do que Marina dissera no último treino: “Confie em Sergei. Ele a ajudará.”

As luzes se acenderam e comecei a patinar. O público aplaudia. Gostaria de parar e agradecer por terem vindo de todas as partes do mundo para homenagear Sergei. Mas as pernas continuavam a se mover. *Não posso parar, ou perderei toda a mágica e força*, pensei. Fiz o que minhas pernas ordenavam. E obedeci a Sergei. Começava um movimento, e ele parecia terminá-lo para mim. Nada tinha na cabeça. Estava tudo no coração.

No momento em que terminei, vi as pessoas levantando-se e aplaudindo. Deram-me o microfone. Segurando as lágrimas, disse: “Estou muito feliz por esta noite ter acontecido, e triste por ter acabado. Quero que saibam que não patinei sozinha. Estava com Sergei. Por isso foi tão bom.”